

ÁLVARO GARCIA DE ZUÑIGA

LOGUE
TEATRO IMPOSSÍVEL

Tradução de Dóris Graça Dias

- Epa, nasci excessivamente novo! O que quer dizer que no momento em que nasci não tinha sequer um dia de vida. Que tal não seja muito original nada acrescenta ao facto de, com tamanha falta de experiência, ser impossível esperar grande coisa da minha parte. *Ohimé!* Não que isto seja um inconveniente, a priori, muito grave, mas se - e, no meu caso, tem sido assim - digo, mas se, sendo assim, repito mas se, mas se, tal é duplicado pelo facto de que também era muito novo sendo muito novo para o ser¹, a confusão que isto causa não é fácil d'entender, d'ecoar, d'escrever, nem d'espalhar aos quatro ventos. Não, não é nada disto. A confusão confunde a minha vida, não. A confusão confunde-me. Também não. A confusão... sim, é isso. Apenas confusão. A confusão. Fiquei confuso.

Não foi senão um pouco mais tarde, e após grandes esforços, é preciso que o diga, então digo-o: foi à custa de grandes esforços, que cheguei a tornar-me ambíguo. Os dois. Confuso e ambíguo.

Processo: A personagem que fui, veio-me parar às mãos *Esperando Godot*, a seguir ao que me ofereci (certamente acreditando que viria a ter uma consciência profissional, sinal estigmatizando a minha evidente juventude), *Six residua*, um pequeno livro com o título em português *Cabeças mortas*. Caí *Bing* sobre este opúsculo que acabou por me tornar bastante instável.

Suficientemente ambíguo para o não ser, de facto, ainda, mas já muito estável na minha instabilidade. Pelo menos qualquer coisa. Espicaçado pela curiosidade, que era o fruto da minha juventude prematura, pois quando não estão maduros os frutos picam, esta (a curiosidade ou a juventude prematura, pouco importa qual delas, já que qualquer das duas concorda com o sujeito da minha frase) me fez precipitar sobre *Fim da partida*, direito à trilogia. E aí a minha desorientação foi quase total. Mas ainda antes disto, precisarei talvez de procurar encontrar estes desequilíbrios na primeira letra que aprendi e que foi o Y. Grego e maiúsculo. Lembro-me como se fosse hoje. Achei graça ao facto de se tratar de uma linha que, depois de quebrada, se dividia em duas. Ou talvez duas que, finalmente, não são mais do que uma só coisa-linha; engraçado, não é? Aqui não há a mais pequena simbologia. Nesse caso, maldito seja quem... não, nada, deixemos estar como está.

Pouco a pouco, pé ante pé, pouco em pé, pé a pouco e pouco pé em pouco pé para pé e por pouco que fosse, uma quantidade imensa de questões invadiu-me. Habitado, ambientado, importunado, incomodado, aterrado, obcecado, perturbado, atormentado, revolteado, ciclizado, cianetizado, diuretizado, desesperado, desespeciado, desmembrado, despatriado, despovoado, desapossado, desespaçado, destemperado, atomizado, balcanizado, afeganizado, vietnamizado, bolivianizado, desumanizado, desmoralizado, rebentado, estoirado, mostrado, monopolizado, bipolarizado, polissemantizado, qualquerunizado, calcinado, cardado, xamanizado, entalado, lapidado, delapidado, estragado, mergulhado, ictiologizado, ensopado, enganado, vigarizado, intrujado, apatetado, atamancado, perpendicularizado, amassado, desepicado, litotizado e litanizado por essas questões, as questões em questão - que recensearei de seguida -, justapuseram-se à sensação de que o tipo - sempre em questão - esse Beckett - ainda que até hoje não saiba por quê - se revoltara contra mim e contra todos os da minha espécie. O parvalhão.

¹ Como dizem os espanhóis “Mal de muchos consuelo de tontos”. O que quer dizer: “Mal de muitos consolo de tolos”; “Mal de plusieurs consolation de sots”; “Bad the lots consolation the fools”, e assim sucessivamente.

Na minha adolescência, a partir daí, cheguei mesmo a pressentir que não havia nada a fazer -, adolescentes, de resto, nada mais nos resta do que alguns nacos, alguns vestígios de memórias para dizer o nada do nada a dizer. Que não temos, que não somos ninguém. E foi então que entendi, vi, percebi que nos restava uma voz inesgotável para andar à volta do nada dizer. Que tudo tinha sido já tudo. Túmulo. Tumba. Zumba! Zás-trás!

Ambíguo, finalmente.

Depois o mote, acrescentou o r de acabar para depois oh, tudo acabar em morte. Depois de se ter morto. Morreu.

Batendo a porta.

Belo e bem acabado.

Sem mais histórias, e sem s.

O momento do recenseamento das questões finalmente chegou:

Primeira questão: Posso colocar uma questão?

Segunda questão: Posso mesmo colocar uma questão?

Terceira questão: Se coloco uma questão, coloco-a onde?

Quarta questão: Onde estava a questão antes de a ter colocado?

Quinta questão: Podemos responder a uma questão através de outra questão?

Sexta questão: Será ela uma resposta?

Sétima questão: Ou talvez uma questão-resposta?

Oitava questão: Uma pessoa que responde com uma questão é um respondedor?

Nona questão: Uma pessoa que responde com uma questão é um questionador?

Décima questão: Pode-se levantar uma questão?

Décima primeira questão: Até onde podemos levantar uma questão?

Décima segunda questão: Podemos levantar uma questão já colocada?

Décima terceira questão: Por quê colocar uma questão se a podemos continuar a levantar?

Décima quarta questão: Pode-se colocar uma resposta?

Décima quinta questão: Ou levantar uma questão colocada?

Décima sexta questão: Podemos levar respostas?

Décima sétima questão: Podemos levar uma questão para além da resposta?

Décima oitava questão: Uma questão-resposta é uma questão?

Décima nona questão: Uma questão-resposta é uma resposta?

Vigésima questão: Uma boa questão é uma questão que não faz mal à resposta?

Vigésima primeira questão: Uma boa resposta é uma resposta que não faz mal à questão?

Vigésima segunda questão: Uma boa questão é colocada num lugar diferente de uma questão comum?

Vigésima terceira questão: Uma questão não colocada tem respostas?

Vigésima quarta questão: Ou são as respostas às questões a colocar?

Vigésima quinta questão: Uma questão não colocada é uma questão?

Vigésima sexta questão: As respostas às questões a colocar repousam?

Vigésima sétima questão: Uma questão coloca-se e uma resposta repousa-se?
Vigésima oitava questão: Se eu levo uma questão e a coloco, será possível inverter o colóquio e o questionário?
Vigésima nona questão: E a questão?
Trigésima questão: Podemos responder a uma questão invertida?
Trigésima primeira questão: Uma questão invertida é uma resposta?
Resposta: Está fora de questão responder.

Isto ganhou forma. E, no entanto, não tem qualquer sentido.

As respostas estavam fora de questão, apenas as questões eram a verdadeira questão das questões, era esta a questão. O problema continua o mesmo: onde as colocar. E como as levar.

Num saco.

Era a resposta: num saco.

Responderam-me esta resposta um dia, em Praga.

Tendo encontrado a minha resposta, e fortalecido pelo saber doloroso da sabedoria, fiz os meus cálculos: sem história, confuso, sem histórias, ambíguo, não podia meter num saco:

Nenhuma personagem.

Nenhum palco.

Nenhum cenário.

Nenhum teatro.

Nenhuma palavra.

Nada.

PALCO VAZIO

in memoriam Samuel Beckett

«Nenhuma personagem.
Nenhum palco.
Nenhum cenário.
Nenhum teatro.
Nenhuma palavra.
Nada.»
(1988)

«Adeus, velho larápio»
(1990)

Nenhuma personagem.

Palco na penumbra. Fundo cinzento (bastante escuro). Por detrás, à direita, duas sombras e, junto delas, um balão vermelho. À esquerda, à altura de uma cabeça, um chapéu usado de homem. Em frente, a meio, um pouco desviado para o lado direito, um caixote de lixo tapado.

Acções:

A tampa do caixote levanta-se e do caixote sai a primeira palavra.

O balão está fixo. Depois move-se, muito lentamente, e, a seguir, pára.

O chapéu velho contém cabelos cinzentos, hirtos, com cerca de quarenta centímetros de comprimento, primeiro apanhados, depois soltos.

Voz(es) neutra(s).

Sistema de microfones permitindo à(s) voz(es) ouvir(em)-se durante todo o tempo, mas em lugares diferentes, até se «transferir(em)» (panorâmica).

Duração máxima:

Cinco minutos.

NADA
COMO SE DISSE
NADA
APENAS GRITOS
DE TEMPOS A TEMPOS
UM POUCO ABAFADOS
TALVEZ
UM POUCO
OU MESMO NADA

FRACOS MURMÚRIOS
INCERTOS
NÃO
INCERTOS
OS GRITOS SIM
COMO PORCOS
DEGOLADOS
TALVEZ
ENFIM
OU DE OUTRO MODO

MAS AGONIZANTES
DE CERTEZA
TALVEZ NÃO
NÃO, TALVEZ NÃO
NÃO É CERTO
TAMBÉM NÃO
DE OUTRO MODO TAMBÉM NÃO
OS GRITOS
NÃO SÃO MUITO CLAROS
TAMBÉM NÃO
TALVEZ NÃO
TALVEZ NÃO

- Estava na merda.

Conseguira situar-me com a ajuda de carta, bússola, barómetro, termómetro, altímetro, manómetro, barímetro, galvanómetro, amperímetro, enómetro, antropómetro, metro assim mesmo e metro assim-assim, electroencefalógrafo, determinógrafo, cronógrafo, coreógrafo, fonógrafo, ecógrafo, scanner, impressora laser, micro-compasso, radar, sonar, estatísticas e sondagens, alfabeto Morse em Braille, código da estrada e de honra, periscópio, espectroscópio, cinemascope, telescope, astrolábio, cartas astrais, austrais e boreais. Estava seguro disso. Definitivamente, estava bonito e bem na merda. Era preciso agir. E depressa. Vestido de algodão, dralão, rovil, lã, lã e rovil, algodão e dralão, polipropileno e nylon ploiamida, tribotermil e seda; quer por cima quer por baixo e armado de um picador de gelo, pá, picareta, vertedoiro, bomba de ar, guarda-sol, escova de dentes, pistola, vitaminas, proteínas, toxinas, película, restaurador capilar e de cardamina, pacotes de sopa, carnuxa e corned-beef, anti-sépticos, lamparina a gás e a álcool, antiderrapante, de mogadão, de arnica para os choques, de disciplina contra a humidade, esparadrapos, elastoplástico, pára-quedas, pára-choques, linha de rebocagem, pomada caseira, fósforos, uma tocha eléctrica impermeável, uma caneta lança foguetes, um pau vermelho, duas esponjas, cola de contacto, caldeira, cabaça e copo, e tudo isto sem esquecer as minhas chaves, se fez luz: três clarões curtos, três longos e três curtos, deram-me sinal verde para iniciar a verdadeira travessia do deserto que representava o verdadeiro deserto de mim ao sair do interior do meu interior.

Para lá chegar deveria então megalhar em mim-mesmo. Coisa que fiz através dos meus olhos e dos meus ouvidos, todo umbigo. Umbilicista, em boa verdade, já o era, mas sem ter conseguido chegar ainda até esse ponto e ao seu ponto contrário, dois pontos: estava já demasiado dentro de mim-mesmo para me poder aperceber disso.

Um qualquer dia qualquer, sem saber como, vi-me reflectido numa vitrina e foi como ter ido ao zoo. Sobretudo porque não havia vidro nenhum. Vi-me e vi: os gestos, os sons, as palavras, tudo andava à volta, tudo sem sentido.

Muito tempo depois, mas não assim tanto nem bastante depois disto, e por razões que desconheço ainda agora, a verdadeira questão transformou-se na questão da essência do sentido de mim. À primira vista poder-se-ia dizer ingenuamente que a essência do sentido, por si mesma, é superior, mas ao observarmos mais de perto é melhor retornar a isto mais tarde e sem vice-versa...

Sem que soubesse nem como nem porquê, talvez porque, ao contrário dos verdadeiros músicos, tinha-me introduzido o meu instrumento no interior do meu próprio corpo, nesse preciso momento, pareceu-me que era o momento exacto para a extracção. Devia extrair. Tudo extrair. Extrair-me as minhas palavras como dentes, pela boca do meu corpo. Do corpo do texto de cada corpo das letras que formam o som corpo da palavra corpo do meu próprio corpo. Extractor e extractoras. Do tudo e do não importa o quê, as minhas palavras tornaram-se, elas mesmas, o começo do tudo não importa o quê; elas tornaram-se mais eu que eu. É disto que tudo isto retorna, e é por causa disto que tudo isto anda à volta.

Confuso, ambíguo e, a partir daí, anatomia viva - digo-o por citação e por vergonha - comecei a continuar, iria continuar a extrair tudo, a extrair-me todo, a pôr tudo isto a andar à volta ao quadrado.

Pouco a pouco, e por obscuras razões, auto-oscilei cada vez mais baixo do que leite cercado na quadratura do meu próprio círculo. Como se ao recordá-lo essa recordação causasse um arrepio na espinha.

Uma lança em África.

Água fria.

Pouco importa, porque sem *saber sentido ter* - e aqui peso as minhas palavras e digo-as em itálico.

Sem me ter um sentido redondo ou arredondado, e tendo metido todas as minhas questões no saco pela resposta saco, nada mais restava do que a questão da questão por resolver. E estava fora de questão ir-me embora sem a *re-* ou *dis-* -*solver*: Eu.

Mim-eu, mi-rar, o meu projecto de mim parece cair à água. Não sendo ninguém, nado desde então em suores frios, desprovido de sentido com rov, *despido*.

Com uma inclinação, do meu corpo, de quarenta graus, sendo casualmente por alguns instantes eu mesmo uma Torre de Pisa, apercebi-me de que ao menos poderia representar os itálicos sem precisar de os dizer.

Assim foi para *Omessa!*

A priori, re-dis-solver; e todas as outras; até agora *agora*, tal como para as seguintes: *parecia, representava, et caetera, et caetera*.

Isto sim, era um verdadeiro progresso. Ou pelo menos parecia bem sê-lo. Sem condição nem condições, isto, ao menos, representava qualquer coisa. Enfim, julgo eu. Mas quanto a acreditá-lo, não acreditava grande coisa. Tipificava-me como um tipo-que-fica, um tipo estático, e assim sucessivamente et caetera. *Inconsistente*. Trambalazana, tentei-me segurança: sem saber (ou sem sentidos ter) do quê ou de quem exacta- (ou mesmo aproximativa-, falível-, ou imprecisa-) -mente, parecia-me um pouco o exactor das exacções dos outros, daqueles sem ex. Sem eixo nem t nem ç.

Por ali, o meu eu tornar-se-ia também *in-ex-acto*.

Completamente dentro do interior da exacção do acto de extrair. Extremista. Mesmo à beira do precipício, via-me passar de tipo-estático a tipo-ciente: tratava-se evidentemente de um passo em frente.

Era uma viragem de trezentos e sessenta graus. Foi assim que:

Sentindo os sons

sem sentido

vi

a essência insensata

que sem cessar

mente...

Por obscuras razões

Por obscuras razões

Personagens: **A** e **B** - sexo, idade e perfil sem importância.

A encenação, a cenografia, os adereços, etc... ficam ao critério dos actores.

Os silêncios e os vazios são muito importantes na peça.

Os actores/actrizes não devem rezeir as pausas longas.

Material indispensável:

- Vários aparelhos de ar condicionado
- Várias ventoinhas
- Alguns frigoríficos e/ou congeladores
- Duas cadeiras
- Muitos tubos-porta-pedaços-de-gelo
- Imensos pedaços de gelo estruturado em arames.

A e B entram trazendo alguns pedaços de gelo e instalam-nos no tubo que está por cima do palco (é possível que a maior parte dos pedaços de gelo estejam já instalados antes do levantar do pano, ou então terão de fazer várias viagens - para os trazer dos bastidores ou retirando-os de um congelador, etc.)

A e B acabaram de encher o tubo de pedaços de gelo, param deixando-se ficar de pé no centro do palco. Tempo.

A: Olha... (Olha para cima, depois chama a atenção do outro com o olhar.

Pausa. A e B olham para cima). Vai chover (pausa).

B: Sim... (pausa)... é pena... (pausa, aguardam que chova)

A: Sim... (pausa)

A e B começam a ligar todos os aparelhos de ar condicionado e ventoinhas, abrem as portas dos frigoríficos e dos congeladores (tempo). **A** senta-se (tempo). **A** esfrega o braço. **A** pára de se esfregar, deixa-se estar imóvel (tempo).

A: Tenho frio... (pausa)

B: Sim... (pausa) ...Está frio... (pausa)

A: Detesto frio... (pausa) ...e chuva... (pausa).

B: Eu também... (pausa) ...Não gosto de chuva... (pausa) E está muito frio.

B senta-se, esfregando-se (tempo).

B: Tenho horror de representar quando está frio... (pausa)

A: Para mais, chove... (pausa)

B: Sim... também quando chove... (pausa)

A: Não gosto nada quando chove... (pausa). Sobretudo quando chove em palco... (pausa)

B: Sim, ainda é pior... (pausa)

A: E depois também as pessoas não saem quando chove... (pausa)

B: Não gostam... (pausa)

A: É um tempo estragado... (pausa)

B: Enjoativo... (pausa)

A: É.

B (interrompendo-o): Sim.

Aguardam a chuva.

Por vezes, olham para cima.

Pausa longa.

...a chuva...

B ou **A:** A propósito... como está (diz o nome de alguém conhecido do outro)?

O outro começa a contar realmente como está a pessoa sobre a qual o seu colega o questionou; enquanto este último fala, desce lentamente o

PANO.

- *In-ex-acto* - extremista - anatomia viva, confuso e ambíguo, à beira do precipício, em consequência da minha viragem de trezentos e sessenta graus de um passo em frente, reconfortei-me, então, com a noção de reconforto. Tipifiquei-me todo e totalmente como um *tipo-que-fica*, um *tipo-estático*, e por conseguinte em seguida sem saída para a minha saída. A partir daí, era fácil encontrar uma certa facilidade na noção de facilidade e fazer alguns progressos - progressivamente quânticos - com a noção de progresso. Comecei assim a ter algumas noções. Foi uma primeira advertência, e com isso, comecei a ser um ser advertido. Por conseguinte, então advertido, vi-me pelo umbigo da minha boca: repetia-me muito. Agora já posso dizer-me que o *isto* de mim gira verdadeiramente à volta ao cubo.

Sem qualquer cenário, tipo-cenografado e estático, com (ou dentro) o cenário e todas as outras peças da quinquilharia (palco, coxia central e lateral, arrumador, duche, filtros, cesuras e cortes, spots, potes, pontos, jarros de flores, abafadores de ruído, máquinas de legendagem, maquinaria, bastidores, carris, corredores, correias, correntes, correrias e corre-corres, no estrado prancha, acabei por pranchar. Pranchar: v. - verbo - intr. - intransitivo: que nunca tem objecto directo no sentido corrente [não confundir com absoluto], ou até intransigente, não vem especificado. *Pranchar alguém* - fazê-lo estatelar-se ao comprido no chão. 1905, prancha, tabuão. Bras. Gír. Pé grande e espalmado. Ex.: Tens uma prancha do caraças. Reprodução ilícita do novo Dicionário de Português da Porto Editora, revisto e aumentado em Março de 1994), repetia-me a cada repetição de tal forma que cada repetição não era senão uma. Não forçosamente. Não totalmente, não necessariamente. Repetia-o a mim mesmo, mesmo sem o, mesmo sem mim, e sem s.

A minha única singularidade, a partir da tomada de consciência disto, não poderia ser outra senão a de me negar à mais pequena utilização do plural.

Vendo bem, para melhor ver é preciso ver as coisas por outro lado, sob outro ângulo. E, deste modo, comecei a ensaiar cada ângulo sob todos os seus ângulos. O de quarenta graus - que já então dominava, por causa dos *itálicos* - em primeiro lugar; agora era preciso ir lá de cada lado, à frente e atrás, do mesmo modo que atrás e à frente sem lados. Primeiro o lado esquerdo. O do coração, da coxia lateral, dos sentimentos, da fé, do meu fígado.

Era preciso, portanto, ir lá à frente: à frente rebentei com as goelas por volta dos trinta e dois. Depois deste *duro golpe* não tive coragem para tentar lá atrás. Construir o meu eu não podia passar, no fim de contas, por uma acrobacia particular. Depois de ter tentado a experiência pelo exercício físico, e de me consumir, não restava outra coisa que não fosse eliminar o dado: pensar em me pensar, tudo estupidamente.

Equipado de cérebro, chouriço, cerebelo, cervelo, cerviz, cervical e cerveja, de bulbos, pedúnculos e cerebelar, de encéfalos, encefalites, diencéfalo, diencefalites, lóbulos e circunvoluções; então o meu espírito pensou na minha cabeça, as minhas meninges, cada uma das minhas vesículas, enquanto o meu tálamo pensava o seu próprio sistema límbico.

Com o meu cerebelo, é o meu cerebelar que toma consciência dos encéfalos. Os meus lóbulos circunvolucionam em volta dos bulbos, diencéfalos e diáfanos; o meu crânio reergue-se, cervical, marcial, e martela, ordenando cada um dos pedúnculos. Os meus axónios transportam-me; os meus neurónios exprimem-me. Pressionado, elevado, o meu cortex ordena o meu cérebro (Legenda: laranja). Sou espremido, estou no sétimo limbo do meu sistema.

O meu chouriço acompanha a minha cerveja.

Para me convencer disto digo o meu nome de frente para trás e de trás para a frente: meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome meu nome.

Rapidamente me pareceu que tudo isto era, francamente, sem sentido sem sentido sem sentido sem sentido sem sentido sem sentido sem sentido sem sentido, para festejar a minha vitória, sofrendo um outro ataque agudo; sem sentido mais não era do que um meio-mim.

Simplesmente, meu amigo.

Depois do golpe, senti-me batido. O quadro era ainda mais negro.

Foi aí que vim até à beira-mar para esvaziar a cabeça e tentar descrever-me. Porque quando estou à beira-mar tenho vontade de descrever. Assim, desde que esteja à beira-mar, grito. Grito o à beira-mar, à beira-mar, e nesse momento o mar distrai-me. Com os seus sons. As suas vagas. Com as suas vagas sem os seus sons. Com as suas vagas sem sessões. Sem sessões. Com o seu horizonte. Horas e som. E não grito mais. E olho o mar e os seus vagos sons. E esqueço que vim para me descrever, para o descrever, para gritar. E fico sozinho com as águas, esquecido. E fico sozinho com as águas esquecidas. E sonho. Sonho algures.

Porque sonho, algures, sem ser, sem sentido, de ser.

Com o sentido por meta.

Legenda: Com toda a esperança esgotada pelos meus fracassos físicos e mentais, decidi vir a Portugal ver o Oceano. O Oceano está bem. Ainda está no Sporting. Depois, fui ver todos os outros jogadores. Tentei mesmo seguir o rasto da sombra do Sá Pinto. Como fez o Tabucchi com todos(as) os/as Pessoa(s). Incluindo o João Pinto.

Provavelmente, antes de chegar a construir o meu eu, devia caçar dentro de mim o monstro das mil cabeças que me embala do outro lado do espelho. Realizando a vazia avidez do monstruoso poliencéfalo, que está sempre ali, atento, tentando tudo ver: do velho e do novo, do novo envelhecido e do velho renovado; tal como do velho envelhecido e do novo renovado, bem entendido, mas sem por isso renunciar a tudo o que seja novo envelhecido renovado, velho renovado envelhecido e velho envelhecido e reenvelhecido; do novo renovado e do renovado ao novo, do velho envelhecido ao novo e do novo velho ao novo, como se, através disso, esperasse ali encontrar uma espécie de (Godot) coisa que, vá-se saber como, estaria ali para organizar não sei o quê. Graças a este quê apercebi-me, finalmente, de que não podia estar no mar. Nem na merda, diante do mar. Não o podia estar, porque sem sentidos não seria ponto, vírgula, muito simplesmente. Ponto. Ponto de mim. Não importa que eu. Não estaria, mais uma vez. Ponto e vírgula.

Para ali estar era preciso encontrar a essência do sentido. Era tempo de regressar a ele... A minha sensibilidade indicava-me o sentido-mental.

Cena de Caça

Cena de Caça

Entram no palco dois homens equipados de vestuário de caça. Olham para a plateia, na direcção do público. Pausa. Um diz ao outro:

- Vês alguma coisa?
- Não, absolutamente nada.

- Achas que está ali alguém?
- Enfim... disseram que havia algumas reservas.
- Ah bom!

Continuam a olhar tentando ver mais claramente, mas a luz dos holofotes dificulta-lhes enormemente a tarefa.

O que primeiro falou diz:

- Nesse caso...

Ergue a espingarda e atira na direcção do público. Escutam, mas não se ouve nada, o outro diz:

- Falhou.

depois, por sua vez, dispara também. Ouve-se gritar alguém entre o público. Com um ar feliz o homem diz:

- Ah! Agora atingi um...

Começam a atirar desordenadamente e sem contenção.

PANO

P.S. Pode avisar-se que eles atiram balas verdadeiras.

O texto que se segue será pré-gravado e dobrado em directo pela voz do narrador.

Sentindo os sons
sem sentido
vi
a essência insensata
que sem cessar
mente.

Des-cre-ver é des-cre-ver o sentido.

Começado pelo d pelo c ou pelo v,
a violência sente o sentido.

Faz sentido mesmo num tempo ido.

Pódo.

O sentido isso sente-se.

O sentido isto sente.

Sentido sem ido e com e isso tresanda.

(Sem sentido nem ti a essência sente), (nada de saúde sem saudade, porque a saudade tresanda e é saudável. À vossa!)

Isto tresanda e isto sente-se e segue o seu sentido.

Se isto sente o sentido,

o sentido que tresanda,

(o sentido sem essência tresanda tanto quanto a essência sem sentido)

o sentido podia tresandar a essência sem sentido que tresanda.

Isto tresanda pouco só apenas o ido.

A essência do sentido isso sente-se não se sentindo.

A essência que tresanda é tremenda!

É a essência que sente
que não sente o sentido,

ou seja:

será sem sentido,

isso sente-se.

Se sentimos o sentido isso tresanda.

Falta de essência, isto tresanda o sem sentido.

(A falta de essência que não sente isso, tresanda tanto como se a essência tresandasse, ou seja, a essência sem sentido que tresanda o sentido).

A falta de essência que não sente isto, tresanda tanto.

Essencialmente será assim.

A essência mente.

A essência (céus!) mente, justos céus!

Isto tem um sentido.

Isto sente o sentido, isto tresanda o sentido sem essência.

A essência do sentido, isso sente-se não sentindo.

Será a essência que sente que não sente o sentido.

Se sentimos o sentido, isto tresanda.

Sem a essência, des-cre-ver resulta sem sentido.

A essência essencial de des-cre-ver será a essência dos sentidos únicos.

(Sem incensar, a essência que sente, é, sem cessar, sem essência de sentido, o sentido é o som essência da essência, senão, se f é c, fica fica sem sentido).

Ali, nada de palavras apenas sons.

O seu sentido escreve/grita.

Sons.

Sons sentido escrito/grita.

Sem cessar.

O seu sentido escreve/grita

O sentido do sentido escreve/grita e inscreve-se

O seu sentido escrito/grita em sânscrito.

no sentimento

O seu sentido escrito/grita inscrito em sânscrito.

gentilmente ele sente

O seu sentido escrito/grita inscrito em sânscrito será inscrito.

o absoluto que mente.

Será o que tem vindo a ser des-cri-to.

Descrito e decrépito.

O sentido grita seja ele descrito/decrépito com ou sem sânscrito único.

O seu som sensato a duas vozes.

O seu som a duas vozes, fora o seu outro som de sentido único, sente.

Des-cre-ver será apenas o som sem sentido,

o seu sentido sem som,

o sentido sem som sem sentido.

Com ou sem.

As duas vozes de sentido único a des-cre-ver o seu som sem som
será apenas som des-cri-to sem sentido.

O sentido dos sons será a essência som sem sentido sem.

Puro som sem sentido no sentido da essência.

Sem o seu som, des-cre-ver será sem essência, ou seja, sem sentido.

O som sem essência do seu sentido.

Será isto.

Nada disto.

O som, esse tresanda o sentido, isto será sensato.

O som, esse tresanda o sentido, isto sente-se essencialmente quando se tem o
seu som em si.

O sentido que sente pôde ter, pôde tresandar, pôde andar.

Pôde ser único.

Os sons são sem sentido.

A duas vozes.

Os sons são a essência do sentido mesmo que ele seja insensato. A essência
mente essencialmente.

Será um jogo.

Jogo de sons.

Será um jogo de sons.

Jogo de sons, jogo de violões.

(Será o sentido do jogo de mãos jogo de vilões, ou seja, tão só jogo de sons: jogo de violões.
Aí está).

Isto tem um sentido.
Isto tem um som.

Então, o sentido sente.
Apenas.
O sentido é sentido, apenas, sem essência.

Sam dizia maldito seja quem assina y Watt.
(isto diz-me que era Sam quem dizia diz-me)
Jogos de sons, jogos de violões.
No sentido figurado do sentido o sentido no sentido está algures.

Jogos de sentido jogos de sentenças?
Quem sabe?

Sns,
nt.

AINDA
(acção dramática 1997)

AINDA

(acção dramática 1997)

Um ou dois guardas varrem o palco onde estão, em duas pequenas plataformas, um homem e uma mulher tristemente expostos, que parece não se aguentarem muito bem². Nas filas, estão alguns esqueletos, espalhados, sentados, assistindo à representação (uns estão bem vestidos, outros têm as roupas já envelhecidas e rasgadas e outros, ainda, estão sem roupa). Deverá deixar-se em aberto a possibilidade de, num dos lugares, poder haver uma pequena taça com cinzas.

- Deste modo, só, na minha falta de sabedoria, e sem saída, a ideia surgiu-me: tentar a morte. Muito depressa, bem reflectida, tive a ideia: estava morto por morrer e assassinei-me. Assinei a minha morte. Três dias depois, morto de cansado e cansaço com a canseira cansativa da morte, decidi reviver, com os resultados devastadores que se conhecem. E acabou. Felizmente. Pelo menos há uma representação a menos para viver.

- Deste modo, só - na minha falta de sabedoria - e sem saída, surgiu-me a ideia: tentar a morte. Muito depressa, bem reflectida, tive a ideia: estava morto por morrer e assassinei-me. Surgiu-me a sábia ideia de uma sugestiva saída saindo dela. Três dias depois, morto de cansado e cansaço com a canseira cansativa da morte, decidi ressuscitar, com os resultados devastadores que se conhecem. Aí soube finalmente que o fim tinha finalmente finalizado até mesmo ao fim do fim. Felizmente. Ao menos, depois de tudo, há uma representação a menos para viver.

Estou convencido disso.

Conho e vencido.

² Atenção, pode tratar-se de um halograma.

Legenda: Lamentavelmente, não se recorda do momento em que nasceu porque, nessa altura, era ainda muito novo. É pena, porque foi - e é - um dos acontecimentos mais importantes da sua vida. Por outro lado, se o facto de ter nascido antes do primeiro dia de vida não tem nada de original, e é motivo suficiente para justificar uma grande falta de experiência, acontece que, nessa altura se é muito jovem para ser realmente muito jovem, para se ter consciência da importância que isso pode ter no seu próprio futuro. Parece mal traduzido, mas não é. O que é, é mal pensado, que é pior. Ou, pelo menos, é confuso, como ele mesmo confessará logo a seguir. Sobre o problema de nascer muito jovem pode dizer-se como os espanhóis, “Mal de muchos consuelo de tontos”. Ou, como diz o senhor da televisão: “Mal de plusieurs consolation de sots”; “Bad the lots consolation the fools”; etc. Mas, por mais que se diga, em nada altera a situação nem a confusão da frase (e da cabeça que a pensa). Não sei se hei-de referir que a confusão é tão grande que ele se confunde no texto do monólogo que está a reproduzir. Por enquanto, e por muito estranho que pareça, até parece que o reconhece. Foi muito mais tarde, e à custa de grandes esforços, que o tipo disse ter conseguido vir a ser ambíguo. Quer dizer, as duas coisa: confuso e ambíguo. Agora está a descrever o processo. Que aliás não parece ser muito interessante. Mas o coitado está tão entusiasmado que não sabe que o que está a dizer não tem interesse nenhum. E não vejo por que é que eu devo traduzir estes disparates se afinal o tipo se está nas tintas para o facto de que o que está a dizer nos possa ou não interessar. E nem sou pago para isto. Sou uma máquina. Quem poderá pensar que uma máquina pode precisar de dinheiro. E, no entanto, às vezes, acontece. Noutra dia, por exemplo, quando me trouxeram para aqui, deixaram-me durante algum tempo na cabina da régie, lá em cima; foi então que conheci uma gravadora de DATs; se tivesse algum dinheiro poderia tê-la convidado para ir ao cinema e teríamos feito, juntos, uns sons e umas legendas. Lá porque se é uma máquina, e não se tem necessidade de comer e de pagar as contas da electricidade, do telefone... não é só para isso que o dinheiro serve. Acho eu. Mesmo sendo uma máquina é bom podermos divertir-nos. Um primo meu trabalha como cimbalino. Tem de estar todo o dia a aquecer e a cuspir café. Não é vida. É verdade que, em todo o caso, não é vida porque não está vivo, mas mesmo assim não é vida. Se calhar, um dia destes, tem alguma falha, desmontam-no e passa a servir para outra coisa mais engraçada, mas, por enquanto, o patrão do bar onde ele está tem muito cuidado com ele para não o ter de trocar. E ninguém pensa nisso. Quero dizer, ninguém pensa em nós, simples máquinas. Também não é bem assim, é verdade. Há que admitir que, muitas vezes, tenho ouvido gente falar sobre máquinas - e até já as tenho traduzido. Há alguns que gostam delas. Mas sempre para se servirem, nunca pensam minimamente no prazer da própria máquina. Nem tentam saber se a máquina sofre, ou se está triste, qualquer coisa. Não. Isso nunca. Os vegetarianos tão-pouco. Preocupam-se muito com os animais, mas, connosco, nada. Nenhum deles se preocupa com o sofrimento permanente de uma faca de matar porcos. Só com o porco. E a faca sofre imenso. Eu sei porque uma vez traduzi um filme do Arrabal e a coitada da faca que andava a matar neles sofria muito. E ninguém deu por isso. Por acaso até acho que o porco era uma vaca. Não era um porco porco. Mas para o caso tanto faz. O certo é que são muitas as máquinas que sofrem. E há as que morrem - ou as que não morrem mas que ficam desfeitas - em circunstâncias horríveis. E os vegetarianos nem dão por isso. Eles só se

preocupam com os que gritam. Mesmo as alfaces - que são tão giras verdes e fresquinhas - não lhes interessam.

Legenda: Atenção. Teste: a ã á à b c ç d e ê é è f g h i j k l m n ñ o ô õ ó ò p q r s t u ú v w x y z. Stop. Está tudo OK. Stop. Esta coisa vai falar. Stop.

Legenda: Humano. Stop. Parece. Stop. Não o conheço. Stop. Parece falar francês. Stop. Sim. Stop. É francês. Stop.

Legenda: Está a falar do seu nascimento. Stop. Depois utilizou uma expressão de Dante. Stop. Deve julgar que isso lhe dá um ar erudito. Stop. Coitado. Stop. Não é? Stop. Aparte isso, tudo o que diz não faz grande sentido. Stop. E é pouco interessante. Stop.

Legenda: Enganou-se. Stop. Tinha de fazer um jogo de palavras. Stop. Com as palavras “escrever”, “descrever” e “gritar”. Stop. Em português não dá. Stop. Vou eu fazer um: Stop. Stop. Stop. É bom, não é? Começou a falar de confusão. O que aumentou a confusão. E me não permite saber o que é que devo traduzir.

Legenda: Agora piorou. À confusão sumou-se a ambiguidade. O meu trabalho vai ser muito mais ingrato do que pensava.

Legenda: Está a falar de Beckett. Eu acho que é para pedir perdão. Mau sinal. Isto vai ser aborrecidíssimo.

Legenda: Que grande blá-blá-blá. Não se percebe nada.

Legenda: (Insulto).